

O conceito de angústia em Lacan

Doris Rinaldi*

As formulações apresentadas por Lacan no seminário de 1962-63 a propósito da concepção de angústia apresentam algumas diferenças em relação à teoria freudiana da angústia. Não são retomadas das teses freudianas, mas formulações novas que, de qualquer modo, tomam as elaborações freudianas como referência. Ainda que Lacan afirme que em “Inibição, Sintoma e Angústia”(Freud,1926) fala-se de tudo, exceto da angústia, é às questões levantadas por Freud neste texto que ele se refere privilegiadamente na sua discussão, questionando algumas formulações e procurando apresentar caminhos para a resolução de determinados impasses.

Em primeiro lugar, para Lacan a angústia é um afeto. Esta afirmação é importante no contexto de uma crítica ao ensino lacaniano por apresentar um excesso de intelectualismo, crítica feita por aqueles que consideravam que a psicanálise deveria tratar do afetivo, a partir de uma distinção psicológica entre o pensar, o sentir e o querer. Não se trata para Lacan, de entrar nessa psicologia dos afetos, na medida em que a angústia não é uma emoção, mas um afeto especial que “tem estreita relação de estrutura com o que é um sujeito” (Lacan, p. 10). Este afeto especial Lacan diz que é da ordem de uma perturbação e não de um sentimento.

Além disso, a angústia é um afeto que interessa sobretudo à experiência psicanalítica, uma vez que, como dirá mais adiante, é um afeto que não engana. Como tal ele serve de orientação para o analista na sua prática, não só pela sua emergência no analisante, mas também no próprio analista. Em todo o seu desenvolvimento sobre a angústia a prática psicanalítica aparece como uma referência importante, o que não significa dizer que ele deixe de pensar a angústia no nível teórico, no sentido metapsicológico, articulando-a aos registros do real, do simbólico e do imaginário.

O que há de mais fundamental no que Lacan vai elaborar sobre a angústia decorre da sua afirmação da existência de uma *relação essencial entre a angústia e o desejo do*

Outro. Ao referir-se ao desejo do Outro, Lacan traz a dimensão do Outro, como lugar do significante para a definição de angústia. Ao pensar a estrutura da angústia, enfatiza que, ao contrário do que geralmente se pensa, a angústia está enquadrada por esta relação ao campo do significante na sua articulação com o imaginário. Nesse sentido, não se pode ver, em Lacan, uma concepção de angústia totalmente descolada do registro da representação, como falta de representação.

Ele parte da própria definição de sujeito como determinado pelo significante, como constituído pelo traço unário, o significante mais simples, que o precede. Nessa relação ao Outro, o sujeito se inscreve como um quociente, isto é, como um resultado dessa marca significante. Mas há um resto, um resíduo, no sentido mesmo da operação matemática da divisão. Esse resto, esse irracional, esse enigma, é o *objeto a*, única garantia da alteridade do Outro. A problemática da angústia se vincula ao desejo do Outro justamente enquanto estrutura portadora desse enigma, nesse ponto de falta que faz do Outro o Outro.

Nesse momento de sua formulação Lacan vai articular o simbólico e o imaginário, o significante e a imagem especular, afirmando que a angústia permite refazer esta articulação.

No estágio do espelho, há uma relação essencial entre o momento jubilatório em que o bebê assume sua imagem especular e o movimento que faz ao se voltar para o adulto pedindo assentimento. Este pode ser considerado como o indício da ligação inaugural entre o advento da função da imagem especular $i(a)$ e a relação com o grande Outro. Assim a relação especular encontra-se dependente do fato de que o sujeito se constitui no lugar do Outro, pelo significante.

O investimento especular se dá no interior da dialética do narcisismo, a partir da identificação. Por outro lado, esse investimento está também na base do desejo, na medida em que ele supõe essa relação ao outro. Como diz o Marcos Comaru: “É nos impasses da relação entre desejo e identificação que a angústia surge sob a forma de uma questão: Che vuoi? Que queres? Que Lacan traduz como: O que queres de mim? Que quer ele em relação a esse lugar do eu? “No momento de da virada entre o investimento no outro

* Professora adjunta da Universidade do Estado do Rio de Janeiro(Graduação e Programa de pós-graduação em Pesquisa e Clínica em Psicanálise do Instituto de

(desejo) e a retração narcísica (identificação), a angústia comparece como índice de que nem tudo no campo dos investimentos se desdobra em identificação. Este resto não incorporável no eu, esse resíduo de investimento narcísico, isso que não entra na imagem especular é postulado por Lacan como sendo causa da angústia” (Comaru, 1995).

Esse resto é um objeto que escapa à imagem especular, cujo estatuto é difícil de articular, diz Lacan - o *objeto a*. É dele que se trata quando Freud fala da angústia. Nesse sentido, para Lacan, não se pode dizer que a angústia é sem objeto.

É interessante que Lacan introduz a noção de *unheimlich* para pensar a angústia na sua relação com este objeto. Ele diz: abordei o inconsciente pela via do chiste e vou abordar a angústia pela via do *unheimlich*, porque é a dobradiça absolutamente indispensável para abordar essa questão.

O que constitui a angústia? Para ele, é quando um mecanismo fez aparecer alguma coisa no lugar do *a* como objeto do desejo, alguma coisa, não importa o quê, como imagem da falta. Porque o objeto *a* não é especularizável. Pelo contrário, quanto mais o sujeito tenta dar corpo ao que no objeto do desejo representa a imagem especular, mais ele é logrado. Quando algo surge no lugar da castração imaginária, é isso que provoca angústia, uma vez que a falta falta. É isso que dá o verdadeiro sentido do que Freud designa como perda de objeto em relação à angústia.

“Em Inibição, Sintoma e Angústia”, Freud diz que a angústia é reação-sinal à perda de objeto (perda da mãe, do amor do objeto e do amor do superego). Para Lacan, o que provoca angústia não é a nostalgia do seio materno, nem a alternância da presença-ausência da mãe. O que é angustiante é quando não há possibilidade de falta, quando a mãe está o tempo todo em cima. No caso do Pequeno Hans, a pretensa angústia estaria ligada à interdição das práticas masturbatórias. Mas isso é vivido pela criança como a presença do desejo da mãe se exercendo a seu respeito. Então a angústia na relação com o objeto do desejo é tentação e não perda de objeto; justamente a presença disto que o objeto não falta.

Fenomenologicamente a angústia é o estranho- *unheimlichkeit*. Examinando o radical da palavra - *heim/ unheim* - *Heim* indica a casa do homem e o homem encontra

sua casa num ponto situado no Outro, para além da imagem de que somos feitos e este lugar representa a ausência em que estamos. É a presença que faz esse lugar como ausência. A experiência do *unheimlich* é sempre fugidia. Se a angústia está enquadrada, o *unheimlich* - o horrível, o duvidoso, o inquietante - surge nas frestas, de repente, subitamente. O enquadramento não quer dizer que já existe uma espera, um estado de alerta, uma resposta que já é defesa em relação ao que vai acontecer, como na angústia sinal.

Para Lacan, não há necessidade de espera, na medida em que o enquadramento já está aí. O surgimento do *unheimlich-heimlich* (porque um se revira no outro, neste ponto de dobradiça) no quadro, no sentido radical, daquele que não passou pelas redes do reconhecimento, é o fenômeno da angústia. Esta formulação nos reenvia à experiência primitiva do objeto - ao complexo do próximo em Freud - em que uma dimensão do objeto se apresenta como estranha e mesmo hostil, na medida em que não se deixa apreender como transparência pelo sujeito. Mas a angústia para Lacan não está relacionada ao desamparo inicial, mas sim ao amparo que ele recebe, onde se faz enigmático algo que diz respeito ao desejo do Outro. A perda do objeto não está relacionada a uma ausência mas a uma presença portadora de um enigma: Che vuoi?

Se a demanda primitiva tem sempre alguma coisa de enganadora, que preserva o lugar do desejo, na neurose o que ocorre é uma falsa demanda, diz Lacan. O neurótico faz da demanda o seu objeto. A angústia surge quando se dá a esta falsa demanda uma resposta obturante que não preserva esse vazio, causa do desejo, uma obturação que não tem nada a ver com o conteúdo da demanda, se positivo ou negativo: é aí que surge esta perturbação onde se manifesta a angústia.

Se a angústia surge no lugar da castração imaginária - *-phi* - e Freud vai dizer que na experiência do neurótico a angústia de castração se apresenta como intransponível, Lacan afirma que não é a castração em si mesma que constitui o impasse do neurótico. Aquilo diante do que ele recua, não é da castração, mas de fazer de sua castração o que falta ao Outro. É de fazer de sua castração algo de positivo que é a garantia desta função do Outro.

Mas a angústia não se refere, certamente, apenas ao neurótico, mas tem a ver com a estrutura do sujeito. “O significante engendra um mundo, o mundo do sujeito que fala e cuja característica essencial é a de que é possível, aí, enganar. A angústia é esse corte mesmo, sem o qual a presença do significante, seu funcionamento, sua entrada, seu sulco no real é impensável. É este corte que se abre e que deixa aparecer o inesperado, a visita, a novidade - presentimento, pré-sentimento - antes do nascimento de um sentimento”. Nesse sentido, a verdadeira substância da angústia é *aquilo que não engana* - o sem dúvida. Muitas vezes se vincula a angústia à dúvida do obsessivo. Mas a dúvida não é o que angustia: pelo contrário, a angústia é a causa da dúvida. Esta surge como defesa contra angústia.

Para Lacan, portanto, a angústia *não é sem* objeto, o que não significa dizer que ela tem um objeto. O objeto que se trata na angústia é esse objeto que é apenas um lugar, que tem um estatuto especial de causa do desejo: o *objeto a*. Diz Lacan: “Não é para ser exato, falar de objeto da angústia. Neste “não é sem” reconhece-se o *não é sem tê-lo*, mas alhures; aí onde é, isso não se vê, se se vê, angustia.

Ao comentar a definição mínima de angústia que Freud apresenta em Inibição, Sintoma e Angústia, como angústia sinal, Lacan opera uma torção ao dizer que ela é sinal justamente da intervenção do *objeto a*. Ela é sinal de certos momentos da relação do sujeito com esse objeto e, por isso, é um sinal para o analista. Ele chega a dizer que é pelo viés da angústia que se pode falar do objeto, na medida em que ela é a sua única tradução subjetiva.

A angústia introduz à função da falta, no sentido de que ela é, para a psicanálise radical. Ela é radical para a própria constituição da subjetividade tal qual ela aparece na experiência analítica. “A relação ao Outro se dá por esse ponto de onde surge o fato de que há significante, ponto esse que não poderia ser significado. O que eu chamo de ponto “falta de significante” ”. Para Lacan não existe falta no Real, na medida em que a falta só é apreensível por intermédio do simbólico. Nesse sentido a falta é simbólica.

Comentando o discurso psicanalítico sobre a angústia, em suas duas referências, ele chama a atenção para os paradoxos envolvidos aí:

- uma ao real: angústia como resposta ao perigo mais original, ao intransponível *Hilflosigkeit* - o desamparo original - angústia automática;

- depois passando a ser retomada pelo eu como sinal de perigos infinitamente mais leves - angústia sinal;

Esses paradoxos surgem um pouco mais adiante, quando se afirma que a angústia é a verdadeira defesa e depois se fala de defesa contra a angústia.

Procura formular de outra forma, mostrando que a defesa não é contra a angústia mais contra aquilo de que a angústia é o sinal - esta falta., que surge de diferentes maneiras: a falta da borda simples da imagem narcísica não é a mesma que essa borda redobrada e que se refere ao corte levado ao extremo, que diz respeito ao *a* como tal.

Freud fala de angústia sinal se produzindo no eu, por referência a um perigo interno. Lacan suprime a noção de perigo interno, pois esse envelope do aparelho neurológico - em uma referência ao Projeto - não tem interior, não é mais do que uma superfície - superfície unilátera. O que se interpõe entre percepção e consciência, a outra cena, situa-se em outra dimensão - como Outro enquanto lugar do significante.

A angústia é introduzida como manifestação específica nesse nível do desejo do Outro. O que representa o desejo do Outro, quando aparece a angústia. Aí ganha importância o sinal que se produz no eu, *no lugar do eu*, mais que diz respeito a outro. O eu é o lugar do sinal, mas não é pelo eu que o sinal é dado. Se isto se acende no eu é porque o *sujeito* foi advertido de *algo* - de algo que é um *desejo*.

Sem. 8 : o sinal da angústia é do alter-ego, do outro que constitui seu eu, que o sujeito recebe. A angústia se produz topicamente no lugar definido como *i(a)* - no lugar do eu - mas só há sinal de angústia na medida em que ele se relaciona com um objeto do desejo, na medida em que este objeto perturba a relação com o eu ideal, originada da imagem especular.

O sinal de angústia tem uma relação absolutamente necessária como o objeto do desejo. Sua função não se esgota na advertência, pois ao mesmo tempo que realiza esta função, o sinal mantém a relação com o desejo.

A angústia é o modo radical sob o qual é mantida a relação com o desejo. Quando por razões de resistência, de defesa e de outros mecanismos de anulação do objeto, o

objeto desaparece, permanece o que dele pode restar, a direção para o seu lugar, lugar de onde ele , a partir de então, se ausenta. Quando atingimos esse ponto, a angústia é o último modo, o modo radical sob o qual o sujeito continua a sustentar, mesmo que de uma maneira insustentável, a relação com o desejo. (fim do Sem. 8)

O desejo do Outro não me reconhece, como quer Hegel. Não me reconhece nem me desconhece, ele me coloca em causa, me interroga na raiz mesmo do meu desejo a mim como *a*, como causa de desejo e não como objeto. Não posso fazer nada para romper esse aprisionamento exceto me engajar nele. Por isso Lacan diz que o desejo é o remédio contra a angústia. A dimensão temporal desse engajamento é a angústia e essa dimensão temporal é o que está em jogo na análise.

Freud em “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926). sustenta que a angústia é sem objeto, mas no apêndice afirma que a angústia é essencialmente *diante de algo*. Esse algo para Lacan é o *objeto a*.

Tradicionalmente se faz a distinção entre medo e angústia a partir da relação ao objeto. O medo teria um objeto de onde parte o perigo e seria, nesse sentido, adequado. Lacan dá alguns exemplos de Tchecov para mostrar que nem sempre o medo tem objeto. “Ele tem medo, não do que quer que o ameace, o medo é de algo que tem exatamente esse caráter de referir-se ao desconhecido”. “Se os efeitos do medo tem um certo caráter de adequação, de provocar a fuga, em muitos casos, o medo paralisante lança o sujeito na confusão menos adaptada à resposta”.

Por outro lado, a angústia não é sem objeto. Portanto, é em outro lugar que se tem que buscar a diferença entre o medo e a angústia. Para Freud, esse *algo* (angústia diante de algo) é o perigo interno. O termo perigo interno está ligado a uma ordem a preservar - tem relação com a defesa. Esse é o ponto em que Freud se deteve.

Na fobia, o que se observa é a manutenção da relação com o desejo na angústia, com um suplemento mais preciso: o lugar do objeto, enquanto visado pela angústia é mantido pelo objeto fóbico - como falo. No caso do pequeno Hans há, ao mesmo tempo, carência e presença do pai: carência sob a forma do pai real e presença sob a forma do pai simbólico invasor. Isso tudo é mantido porque o objeto fóbico tem a possibilidade de

manter uma certa função em falta ou deficiente, que é justamente diante da qual o sujeito sucumbiria se não surgisse, naquele lugar a angústia. (Lacan, Seminário 8).

Para Lacan, essa função de sinal da angústia adverte sobre algo muito importante na clínica. É o ponto que mais pode indicar aos analistas o uso que podem fazer da angústia. A angústia não é absolutamente interna ao sujeito, mesmo porque o próprio do neurótico é ser um vaso comunicante. A angústia como energia o neurótico busca nos grandes Outros com os quais se defronta, entre eles o analista. E há a angústia dos vizinhos e também a do analista. Por isso Lacan diz que é importante que o analista saiba a quantas anda o seu desejo para que não surja na análise a sua angústia, na medida em que ela pode se transportar para a economia do sujeito. A angústia do analista não pode entrar em jogo - a análise deve ser asséptica quanto a isso.

É a noção de Real que, para Lacan, permite a orientação na prática, uma vez que esse algo diante do qual surge a angústia é o real. A angústia é sinal do real, de algo da ordem do irreduzível. Por isso a angústia, de todos os sinais, é aquele que não engana. Isto está ligado à própria constituição subjetiva, na medida em que é o real - e seu lugar - aquele em relação ao qual, com o suporte do sinal (significante), da barra, pode-se inscrever a operação de divisão. No processo de subjetivação algo resta de irreduzível nesta operação de advento do sujeito no lugar do grande Outro. Esse resto é o *a*. Enquanto queda da operação subjetiva pode-se reconhecer nele o objeto perdido: é disto que se trata, de um lado no desejo e, de outro, na angústia. Logicamente a angústia é anterior ao desejo.

O que Lacan procurou mostrar foi isso: “penso ter-lhes mostrado o jogo de esconder pelo qual angústia e objeto, um e outro, são levados a passar a primeiro plano, um às expensas do outro, mas também ter mostrado o lugar radical da angústia nesse objeto, à medida que ele cai. Esta é a sua função essencial, função decisiva de resto do sujeito, do sujeito como real” (Sem 10).

A angústia é sinal da divisão significante do sujeito e Lacan vai pensá-la enquanto uma função mediana entre o gozo e o desejo.

Pode-se pensar em um sujeito mítico que seria o sujeito do gozo, por um lado, e, por outro, *a* poderia ser visto como metáfora do gozo. Mas isto só seria correto se a fosse

assimilável a um significante. E é justamente isto que não acontece, pois o a é o que resiste a significantização, o objeto perdido, fundamento do sujeito desejante, não mais o sujeito do gozo. O sujeito desejante, na sua busca do gozo, procura fazer entrar esse gozo no lugar do Outro, como significante. É por esta via que o sujeito se precipita, se antecipa como desejante. A precipitação não diz respeito a ir mais rápido que suas próprias etapas. É no sentido de que ele aborda, aquém de sua realização, esta hiância do desejo ao gozo, aí surge a angústia. Portanto, a angústia não está ausente na constituição do desejo, mesmo se este tempo é elidido. É sobre o tempo da angústia que o desejo se constitui.

Bibliografia:

COMARU, Marcos - "Notas sobre a concepção lacaniana da Angústia, Papéis no.1, março de 1995.

FREUD, S. - "Inibição, Sintoma e Angústia" (1926) in Obras psicológicas Completas, Edição Standard Brasileira Rio de Janeiro, Imago Ed. 1976.

HARARI, Roberto - El Seminario "La Angustia" de Lacan: una introducción, Buenos Aires, Amorrortu editores, 1993.

LACAN, J. - Seminario X - A Angústia (1962-63), documento de circulação interna do Centro de Estudos Freudianos de Recife.

_____ - Seminario VIII, A Transferência (1960-61), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.